

**“VEIO O PROGRESSO FEZ DO BAIRRO UMA CIDADE”:
cotidiano, apagamento e fragmentação**

Everton Apolinario¹
Universidade de São Paulo (USP)
everton.apolinario@usp.br

RESUMO:

Este artigo busca evidenciar a espacialidade negra na Barra Funda, bairro paulistano, entre os anos de 1920-1950, reconhecendo o modo de viver dessa população e sua apropriação das ruas do bairro, altamente conflitante para o ideário de cidade que se estabelecia e do controle do cotidiano. Ao mesmo tempo, buscar-se-á compreender e analisar as grandes transformações urbanas ocorridas no bairro e ao seu redor, fato este que, no mais, irá contribuir para a retirada dessa população da Barra Funda, obrigando-a a se deslocar para a região norte da cidade de São Paulo.

Palavras-Chave: Barra Funda – Bairro – Cotidiano

GT 03 – Crise e crítica: a urbanização contemporânea e os limites da reprodução social

INTRODUÇÃO

O reconhecimento dos bairros com vivência negra na cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX é uma realidade dentro dos estudos geográficos mais recentes. Neste sentido, destaco o trabalho de Amanda Moraes (2017), Igor Valvassori (2018), Everton Apolinario (2020) e Marcus Oliveira (2020), reiterando a importância dessas pesquisas que contribuem para a construção de um novo olhar sobre a cidade que durante décadas se alicerçou na égide da “história única” – e branca- dos imigrantes. Trazer à tona as territorialidades, espacialidades, vivências e apropriações dessa população amplamente marginalizada no início do século XX enriquece esta ciência, e contribui para a diminuição dos apagamentos.

Desta maneira, bairros como Bexiga, Liberdade, Penha de França, Barra Funda e o próprio Centro estão entre os lugares da cidade com grande presença negra na virada do século XIX para o XX (ROLNIK, 1989) e são demarcados e grafados por meio da sociabilidade negra, muito associada ao modo de vida comunitário desta população. É

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Centro de Referência do Futebol Brasileiro do Museu do Futebol.

importante dizer que a Barra Funda “era o distrito que concentrava a maior porcentagem de negros e mulatos – 14 %” segundo a professora Raquel Rolnik (1997, p. 77) e esse grande contingente populacional residia, principalmente, nos porões das residências da Barra Funda de cima. O espaço físico do porão comportava mais de uma família e seu acesso, em grande maioria, era pelo quintal dos fundos. O relato de Zezinho da Casa Verde ilustram as dimensões dessa realidade:

“os porões abrigavam muitas famílias (...), morava duas, três (...) às vezes tinha porão que era baixo demais com 1,70 de altura, tinha que andar meio encolhido, porque onde o negro ia viver? Ele não ganhava... não é que nem hoje em dia, o pobre não ganhava, pobre ganhava para comprar uma bengala”. (Zezinho da Casa Verde) (Silva, 1989:50)

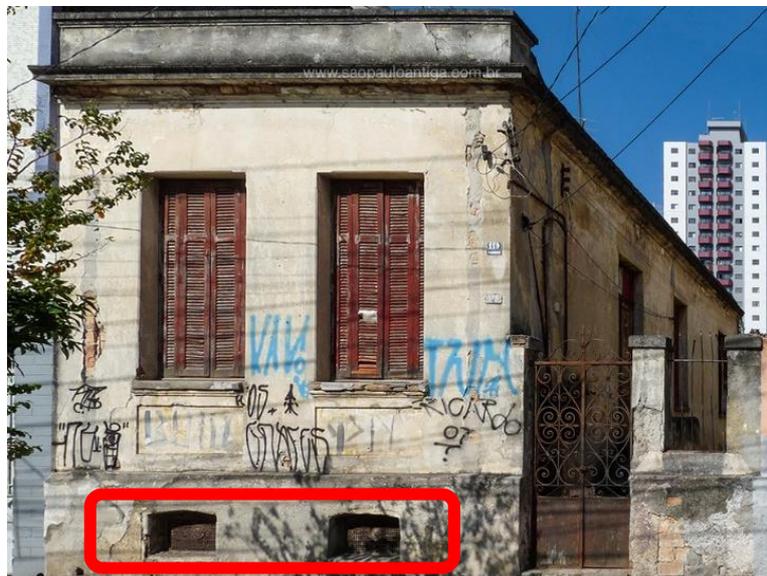


Imagem 1: Casarão na rua Sousa Lima, na Barra Funda de cima. O círculo vermelho, feito por mim, evidencia as janelas do porão. **Fonte:** <https://saopauloantiga.com.br/rua-sousa-lima-119/>

Vale ressaltar que neste período, muitas das oportunidades de trabalho vinham das fábricas. Por outro lado, Morse (1970) comenta que cerca de 75% a 85 % do corpo operário era composto por imigrantes. A burguesia acreditava que eles estavam mais acostumados com esta lógica fabril. No entanto muitos imigrantes tinham experiências rurais. De acordo com Martins:

[...] na passagem do século, quando a indústria começou a crescer significativamente, muitos daqueles imigrantes ou seus filhos e filhas mudaram-se para as cidades onde a indústria tornava-se importante, para juntar-se aos imigrantes que vieram diretamente do exterior para trabalhar nas fábricas. Mas, a sua principal experiência de vida era rural, basicamente camponesa, e de modo algum era caracteristicamente capitalista. (MARTINS, 2004, p. 118)

Dessa forma, o porão, mesmo que insalubre, era uma moradia extremamente atrativa à essa população pelo baixo custo. Além disso, soma-se o fato de estar próximo à Estação de Trem, de onde vinham as ofertas de trabalho (trabalhos braçais). O autor Carlos Gomes da Silva (1990, p.13) nos indica uma possível origem dessa comunidade que chega à São Paulo e se instala na Barra Funda. Segundo ele: “esses migraram para a cidade no início do século quando famílias inteiras de negros do interior do estado deslocaram-se para a metrópole”. Soma-se a esse grupo oriundo do interior os que já viviam no contexto da cidade. Assim sendo, os porões irão se tornar importantes espaços privados de coletividade e proliferação da cultura negra:

“sob os solares e sobrados, estabeleceu-se uma enorme colônia negra, vastíssimo quilombo instalado nos porões. Estes por sua vez foram ligados e interligados, convertendo-se em intricados labirintos subterrâneos para onde eram impelidos pela pressão econômica e buscando apoio nas fraternidades de cor, afluíram os negros. Ali instalaram, celebraram suas raras alegrias e carpiram tristezas muitas. Ali nasciam os negros da Barra Funda, ali viviam grande parte de suas vidas, ali geralmente morriam. (SILVA, 1990, p. 50)

RUA, LÓCUS DO ENCONTRO

Além do espaço do porão, a rua era o lugar primordial desta população. Era dela que saía o sustento (entre quitutes, carregamento de sacas, limpeza de trilhos dos bondes -os ditos “trabalhos de preto”), mas era nela também que existiam os momentos de lazer e descontração. Era por ela que os cordões carnavalescos desfilavam, que as rodas de samba aconteciam e que as crianças brincavam. Sobre essa falta de separação entre o trabalho e a festa a professora Odette Seabra nos diz que: “a festa não estava muito separada da vida e, portanto, os bairros formavam um nível das práticas que articula o trabalho e a família, quase sempre no mesmo lugar, ainda nas primeiras fases da industrialização“. (SEABRA, 2004, p. 189).

“Unidade base da vida urbana” (GEORGE, 1983, p.76, Apud RAMOS, 2002, p.65), o bairro, caracterizado por SEABRA (2000, p.12) como um “fenômeno pré-moderno”, mas que através dos “impulsos da industrialização” tornou-se mais amplo e diverso, se trata também de um “espaço específico, que nasce com a industrialização, mas que permite uma determinada sociabilidade que podemos entender como associada ao sentimento de

vizinhança, determinando outra forma predominante de espacialidade” (RAMOS, 2002, p.70)



Imagem 02: Cordão Carnavalesco Camisa Verde e Branco em meados da década de 20.

Fonte: Imagens USP

Neste sentido, é fundamental também pensar a importância da rua para essa população. Segundo LEFEBVRE (1999. p.30), “na rua, e por esse espaço, um grupo (a cidade) se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado” e isso era muito comum na Barra Funda. Os relatos com relação às festas do Cordão Carnavalesco Camisa Verde e Branco, atualmente Escola de Samba Camisa Verde e Branco dão conta disso:

“De qualquer jeito, sem roupa caprichada, nem nada, lá se foram para as ruas do bairro, a Barra Funda, cantando música própria feita pelo grupo, levando de instrumento, o pandeiro e o chocalho feito de tampinhas de garrafas de cerveja, fazendo o tchic, tchic, tchic. Era o carnaval de 1914, dia 12 de março nascia o primeiro cordão carnavalesco paulistano”. (HORI, 1981, p. 46)

O relato que o escritor Mário de Andrade, então morador da rua Lopes Chaves (na Barra Funda), escreve em sua carta à Carlos Drummond de Andrade no ano de 1926 também ilustra o quanto a rua era apropriada: “*A criança está brincando na rua que você nem imagina a barulhada que faz. Noite boa. Não sai. Friozinho arrebitado. Estou meio cansado, fiquei e escrevo pra você*”. (carta a Carlos Drummond de Andrade em 23 de novembro de 1926; grifo meu)

O “bairro do barulho” abrigava, também, o Largo da Banana. O Largo foi um importante espaço de sociabilidade negra na Barra Funda nesse período. Lá, muitos sambistas se encontravam para praticar a tiririca e o samba. Essas atividades ocorriam em meio ao carregamento de sacas para os galpões da estação de trem. O lugar, apagado da cartografia oficial, passou a ser caracterizado por uma visão pejorativa que o colocava como um lócus perigoso e que, portanto, precisava ser vigiado. A respeito das manifestações culturais negras:

[...] os defensores da moral, dos bons costumes e da "civilização" passaram a classificar as manifestações culturais e religiosas dos pretos como baderna e algazarra, cobrando as autoridades competentes que pusessem a polícia para cuidar das pequenas concentrações de pretos, sob o argumento de que eles quase sempre descambavam para o lado do crime. (SILVA, 1998, p. 14 Apud SILVA, 2020, p. 57)

Deste modo, a perseguição aos sambistas se tornou algo comum. As práticas culturais desta população foram associadas à vadiagem e, conseqüentemente, caracterizadas como crime. Além de todo racismo embutido no ideal dessa legislação, havia também a importância de se tentar controlar seu cotidiano. Por não estarem inseridos na lógica do operariado fabril, eram considerados perigosos para a projeção de vida que se projetava na cidade, margeada pela ordem do “tempo linear”. (LEFEBVRE. 2021)



Imagem 03 - Excerto do SARA-BRASIL; neste excerto observamos o quanto este território negro estava próximo às propriedades da família Prado; nele dá para notar o grande espaço da propriedade da elitista família, enquanto que, por outro lado, as habitações em que os negros residem estão mais aglutinadas na Barra Funda de cima. As demarcações em azul fazem parte das principais ruas na quais essa comunidade residia.

Fonte: SARA-BRASIL, 1930.

Observando o mapa, a presença negra se estendia até os Campos Elyseos por meio da Alameda Glette. Como se sabe, por lá haviam os “Valentões da Glette”:

“os bambas da Glette - um grupo de negros que residiam em moradias baratas ou cortiços da Barra Funda e se reuniam no final da Alameda Glette, quase no Bom Retiro, para jogarem no campo de futebol e promoverem batuques extáticos, em rodas de samba acompanhadas pelas pernadas e umbigadas — igualmente participavam do cordão” (DOMINGUES, 2013, p,05)

Deste modo, no ideário burguês, era importante que cada grupo estivesse no seu lugar. O processo de segregação espacial “delimita “um lugar para cada um criando áreas homogêneas apoiadas em identidades de classe e, pretensamente, apartadas do todo social e da cidade, escamoteia o conflito”. O esforço pela homogeneização daquele espaço, visando “escamotear o conflito” (CARLOS, 2015, p. 79), é visto no sentido da classe social, mas também pode ser inserido no contexto racial.

FUTEBOL E O ASSOCIATIVISMO NEGRO

O futebol, amplamente conectado com o samba e os cordões carnavalescos revelam-se uma outra face negra dessa população que viveu na Barra Funda. Conforme Diana Mendes da Silva (2016, p.43) entre as novidades que “chegaram a São Paulo nos primeiros anos do século XX, poucas receberam adesão tão significativa quanto o futebol”. Seabra também esclarece que “na década de vinte, diz a literatura sobre o futebol de São Paulo, começaram a surgir times por todo lado”, principalmente nas várzeas da cidade “ao longo do Tamanduateí e do Tietê”, de maneira que, “as práticas do futebol de várzea eram momentos de integrar aqueles que nos bairros tinham uma posição periférica em relação ao futebol”, eram também “conjunto de jogos que visava maior integração dos associados aos clubes, com divertimentos para aqueles que não jogavam futebol.” (SEABRA, 2003, p. 286-288)

Nesse sentido, associado ao domínio do bairro, o futebol ganhou formas de sociabilidade para a comunidade pobre e preta da cidade, sendo um elemento de integração entre bairros distintos, uma vez que times de bairros diferentes se enfrentavam em diversas localidades de São Paulo. De acordo com SILVA (2016), a dimensão criativa dessas atividades “se revela”, primeiramente, “na inversão do uso habitual desses meios de transporte. Passava-se de um uso ligado ao patrão e ao tempo do trabalho para outro relacionado ao tempo livre, da diversão, vivido coletivamente pela comunidade”, ou seja, a movimentação em

comunidade dos praticantes do futebol e da torcida que os acompanhavam revelam “experiências que transcendiam a vida ordinária estando mais próximas da vida aventureira” (SILVA, 2016, p.117).

A falta de interesse pelos terrenos da várzea, espaço de vivência e habitação da comunidade negra, “permitiu que atividades de lazer e subsistência surgidas nos séculos anteriores nela se mantivessem até, pelo menos, a instalação das avenidas marginais”. Assim sendo, “a desvalorização do espaço da várzea” foi associada também “à progressiva desvalorização de seus moradores”, principalmente da comunidade negra (como já visto nesta pesquisa, ocupante das várzeas da cidade). Por outro lado, se faz “necessário notar, porém, que se desvalorizava a várzea enquanto realidade geográfica natural, mas vislumbrava-se para ela usos muito próximos aos implementados na Várzea do Carmo” (SILVA, 2016, p.40-1).

Assim sendo, a Associação Atlética São Geraldo, fundada no ano de 1917 insere-se nesse cenário futebolístico, carregando consigo a bandeira da inserção ao esporte bretão, mas também como briga por inserção do negro naquela sociedade que se projetava. O clube, além de fazer parte das ligas oficiais da cidade, está amplamente conectado com a rede de associativismo negro do período, tendo conexões, posteriormente, com a Frente Negra Brasileira (FNB).

Vale ressaltar que, a esse momento os clubes inseridos nessa rede de associativismo serviam como sede dos muitos momentos de ludicidade desta população. Através de suas sedes se comemoravam aniversários, realizavam-se eventos em prol do coletivo e se organizava uma rede de apoio para os membros do bairro:

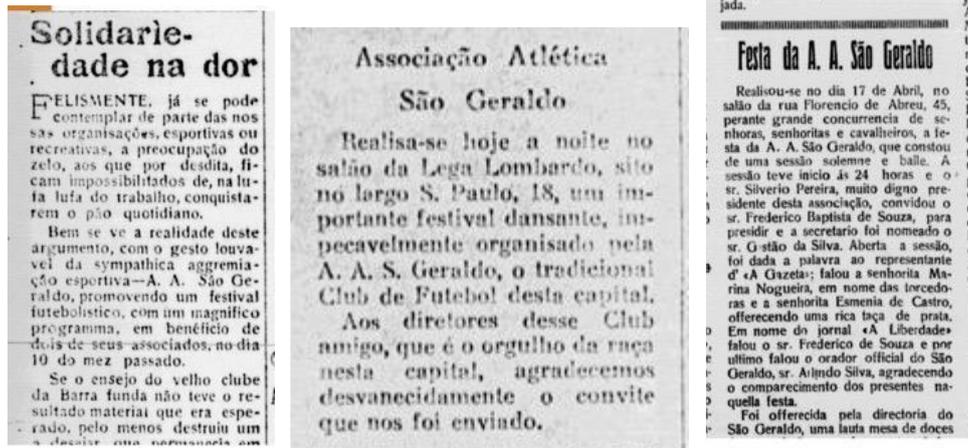


Imagem 04: Associativismo negro.

Fonte: Jornal O Clarim, São Paulo, 1932; Jornal O Clarim, São Paulo, 1932; Jornal a Liberdade. 1920.

“OPERAÇÃO PACAEMBU”

O prolongamento da Avenida Pacaembú, acompanhado pelo processo de construção do Complexo Poliesportivo, afetará um dos espaços de sociabilidade mais importantes da população negra da Barra Funda: o Largo da Banana. Conforme a urbanista Renata Monteiro Siqueira (2019, p. 8) “a via foi estendida do cruzamento com a rua General Olímpio da Silveira, onde ela então terminava, até o limite da ferrovia, na altura da rua Barra Funda”. No mais, esse prolongamento fazia parte do Plano de Avenidas elaborado por Prestes Maia. O plano, formulado em 1930, era baseado e “formado a partir da associação do modelo de Perímetro de Irradiação de Eugéne Hénard e o sistema radial perimetral de Joseph Stubben”, e tinha como elemento primordial o “transporte de superfície -transporte feito no nível da rua”. (SANTOS, 2014, p.29)

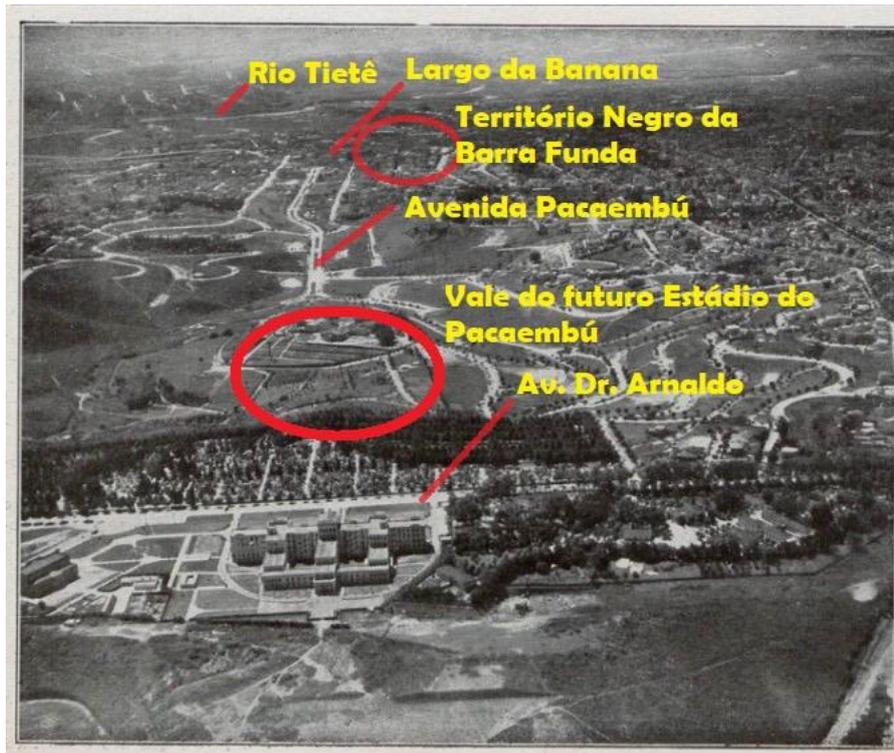


Imagem 05: Imagem aérea Vale do Pacaembu e Várzea do Tietê

Fonte: Revista A Cigarra, Maio de 1934 (adaptações feitas por mim)

A fotografia aérea publicada na revista “A Cigarra”, se trata de um anúncio da Companhia City, detentora do terreno do que hoje é o Pacaembú. De acordo com ASSUMPÇÃO, a empresa que atuava no setor imobiliário “e de melhoramentos urbanos inspirados na experiência dos bairros jardins ingleses, adquiriu uma área total de mais de 12 milhões de metros quadrados em São Paulo, tornando-se proprietária do equivalente a 37% do perímetro urbano da cidade”. Ainda segundo o mesmo autor, na década de 20 a City cedeu ao Município o terreno do Vale do Pacaembú para que fosse construído um estádio, mas a prefeitura não prosseguiu com as obras e o terreno ficou abandonado, desvalorizando os empreendimentos da companhia que ficavam no entorno.

Assim sendo, “a construção do estádio, portanto, era essencial para os interesses econômicos da companhia City, que tinha dificuldade para vender seus imóveis no bairro”. Vale ressaltar ainda que a Companhia tinha a estratégia de “tornar o poder público responsável pela pavimentação das ruas ao redor, além de financiar metade do custo da construção do estádio”. (ASSUMPÇÃO, 2019, p. 24-25) Entre idas e vindas, acordos e desacordos, o Estádio foi financiado completamente pela prefeitura, que também pavimentou 5 km de vias no bairro, aumentando também as linhas de transportes que

levavam à região. Em contrapartida, o terreno do estádio passou para o poder municipal. Pode-se perceber uma relação público x privado, onde o Estado cria condições para o capital privado, asfaltando ruas, aumentando o número de linhas de transporte e construindo um estupendo empreendimento que favorecerá a Companhia City. (ASSUMPCÃO, 2019)

Dentro deste cenário, no ano de 1945 o “Decreto nº 647”, será muito importante no que tange o processo de desterritorialização da comunidade negra do Largo da Banana, pois renovaria “a definição de áreas necessárias ao prolongamento da avenida até a futura Ponte da Casa Verde como de utilidade pública, para fins de desapropriação” (SIQUEIRA, 2019, p.7). Embora a construção do viaduto acontecesse somente na década de 1950, os contornos burocráticos do poder municipal já se articulavam.

É importante lembrar que, o prolongamento da Avenida Pacaembu, já tinha alterado e impactado o espaço do Largo da Banana, porém, é com a construção do viaduto que se desconstrói completamente o antigo espaço de sociabilidade. Observando as mudanças ocorridas no bairro, Geraldo Filme com o seu olhar atento escreveu estes sambas:

Veio o progresso,
fez do bairro uma cidade
Levou a nossa alegria
Também a simplicidade
Levo saudade
Lá do Largo da Banana
Onde nós fazia samba
Todas noites da semana
(....) Adeus, Barra Funda...”

Fiquei sem o terreiro da Escola
Já não posso mais sambar
Sambista sem o Largo da Banana
A Barra Funda vai parar
Surgiu um viaduto é progresso

Eu não posso protestar
Adeus, berço do samba
Eu vou-me embora
Vou sambar noutro lugar

(O último sambista, Geraldo Filme) (grifo
meu)

(Vou Sambar Noutro Lugar, Geraldo Filme)

Neste precioso samba de Geraldo Filme, observamos a transformação do bairro em cidade. Essa “transformação”, no olhar do sambista, mudou o sentido e o uso daquele lugar. O espaço da apropriação (o bairro) dá lugar à “cidade”, ou seja, ao espaço de passagem, o espaço de alienação, onde o uso é mediado pelo valor de troca. À vista disso, a destruição do Largo da Banana e a construção do progressista viaduto Pacaembu, confirmam a hegemonia do Estado, favorecendo as vias de circulação e os automóveis,

utilizando de “seu poder planejador”, como nos diz CARLOS (2001, p. 24), “para, “em nome do interesse público”, desapropriar áreas imensas da metrópole, instalando na sequência, a infraestrutura necessária ao desenvolvimento da nova atividade, e, com isso, mudando o uso, a função e o sentido dos lugares”. Arelado a tais mudanças, reafirma-se, também, o desaparecimento da memória daquele Largo, transformando também o imaginário -imaterial-, isso porque não havia, até o ano de 2019, ao menos uma placa evidenciando o antigo uso e seus agentes. Vale ressaltar, que se trata de um espaço considerado o “berço do samba paulista!”. Sobre essa perda da memória ocasionada pelas incessantes transformações urbanas, CARLOS comenta que:

“Em uma metrópole superedificada como São Paulo, onde o ritmo do que se chama “progresso” destrói constantemente e ininterruptamente áreas urbanas pelo ato incessante de construção de novas formas, esse movimento provoca o desaparecimento das marcas e referências do passado histórico, presente nas construções, nas fachadas, nas ruas e praças”. (2001, p. 33) (grifo meu)

Assim sendo, compreendendo a dinâmica e a conexão de todos esses elementos ao longo do espaço, o processo violento de valorização econômica da Barra Funda resultará, entre outras coisas, na desterritorialização dessa população. Esse movimento remete às “fronteiras relativas”, na qual a todo momento “estão se produzindo novos espaços de valorização econômica, aquecendo a economia moderna, mas destituindo a condição de moradia e de vida urbana possível para parte substantiva da população urbana” (DAMIANI, 2016, p. 7).

No mais, a destruição da Barra Funda é também a destruição do que RAMOS (2002, p. 71) denominou como antigo bairro. Segundo o autor: “o antigo bairro foi destruído, inclusive fisicamente, sendo recortado por viadutos, grandes avenidas, muros, enfim, equipamentos urbanos que a configuração da grande metrópole demandava”.

Dado o exposto, a população negra da Barra Funda:

“manteve-se no bairro apenas até o fim dos anos 1940 (...). A série de alterações econômicas e espaciais expulsou-os gradualmente da Barra Funda de cima sendo o encarecimento dos aluguéis o estopim para que atravessassem o rio e fossem viver em bairros como a Casa Verde e a Freguesia do Ó, onde as moradias possuíam preços mais abordáveis”. (SILVA, 2016, p. 19-20) (grifo meu)

A pesquisadora Diana Mendes da Silva não se debruçou sobre os destinos dos negros que saíram da Barra Funda, no entanto indica o sentido da migração: Casa Verde e Freguesia do Ó pertencem à Zona Norte da cidade. Raquel Rolnik (2017) também comenta sobre a

direção da mobilidade negra dentro da cidade de São Paulo. De acordo com a autora, caminhou na direção dos morros periféricos, “confirmando uma rede de lugares de cultura, religião e socialização afro-brasileiras”.

Dentro dessa mobilidade negra para a zona norte, destacamos a Casa Verde, considerada pelo intelectual e sambista Tadeu Kaçula como uma “Pequena África Paulistana”, devido ao grande número de entidades e organizações identificadas com a comunidade negra, resultado da grande presença negra na região. Entre essas entidades ao longo do território da Casa Verde destacamos as muitas Escolas de Samba, os Terreiros de Umbanda e de Candomblé, os times de futebol e a Irmandade de São Benedito. Essas instituições surgiram exatamente no contexto da reterritorialização, entre os anos 40, 50 e 60.

O minucioso trabalho de Bruno Garcia sobre as Memórias Afrodiaspóricas do Parque Peruche, utilizando dos estudos de RIBEIRO e FRIAS (Apud GARCIA, 2018), revela um movimento muito importante: a ação política, social, econômica e territorial da Frente Negra Brasileira (FNB), que lutou por moradia na cidade de São Paulo nas décadas de 1930, 1940 e 1950, comprando lotes de terras na Zona Norte e facilitando a ida de muitas famílias de negros para aquela região:

“A Frente Negra foi responsável pela aquisição de boa parte dos lotes que tinha acabado de ser disponibilizados para venda no novo bairro, que se formava na Casa Verde como subdistrito, parques e vilas, pois o fato de a Casa Verde ser um bairro com dimensões territoriais bastante privilegiadas criou essa subdivisão com pequenas vilas e parques para que houvesse uma forma de organizar o bairro como um todo”. (MATHEUS, 2019, p.34)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, é importantíssimo pontuar o quanto a espacialidade negra da Barra Funda foi marcante, superando, em um primeiro momento, a marginalidade na qual estava inserida, colocando suas atividades lúdicas na rua, na exposição. Em um segundo momento, vale observar a transgressão às normas estabelecidas, à ordem e aos ditos “bons costumes”, frutos da modernidade europeia que se avançava em solo paulistano e restringia a vivência no espaço público. Sendo assim, tais práticas, além de experiências culturais, serviram de aporte político de apropriação do espaço, formas de resistência (WISSENBACH, 2018) ao processo avassalador de fragmentação e funcionalização da vida social. Essas sociabilidades negras, no mais, representavam um sentimento de

pertencimento que segundo WISSENBAACH (2018, p. 27) era “elemento central no processo de reorganização social dos africanos e dos afro-brasileiros”, que irá resultar no “associativismo negro”, exemplificado pelas famílias de santo dos candomblés, nos cordões carnavalescos e outras formas de vivenciar o espaço.

De outro ângulo, parece visível o quanto a produção do espaço urbano e a fragmentação da vida foi um processo extremamente violento. O “progresso” e a “modernidade” rompem com a apropriação dos espaços e dão lugar ao cotidiano da alienação, rompendo com a vida de bairro, homogeneizando o tecido urbano e favorecendo o apagamento de memórias e vivências. Para isso, o controle do corpo é fundamental. A produção do espaço também incorpora o controle do corpo (LEFEBVRE, 1991).

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, J. E. Tendencias y problemática actual de la Geografía. 1984.

APOLINARIO, Everton Cassimiro. Dos porões da Barra Funda ao Parque Peruche (1920-1950): espacialidades negras frente à fragmentação da vida na metrópole. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/2858ccdb-5b53-4425-aa05-447af66478d1/2020_EvertonCassimiroApolinario_TGI.pdf. Acesso em: 31 de maio de 2022.

ASSUMPCÃO, R. R.. Estádio do Pacaembu - modernidade e obsolescência (1921-1970). 2019. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.16.2019.tde-26092019-162905. Acesso em: 2020-12-14.

BRAGA, T. J. K. A territorialidade do corpo negro na USP. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2020.tde-03032020-162818. Acesso em: 2020-12-21.

BRANQUINHO, E. dos S.. Campos Elíseos no centro da crise: a reprodução do espaço no centro de São Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-01062007-132814. Acesso em: 2020-12-21.

BRUNET, R. « Territórios », Confins [En ligne], 32 | 2017, mis en ligne le 10 octobre 2017, consulté le 27 décembre 2020

Carlos, A. F. A. *Condição Espacial*. São Paulo. Contexto, 2015.

_____ *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. Editora Contexto, 2001.

_____ *REPENSANDO A GEOGRAFIA URBANA*. Revista do Departamento de Geografia, [S. l.], v. 6, p. 119-122, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1992.0006.0011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47117>. Acesso em: 27 dez. 2020.

CORRÊA, R. L. *O espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1995.

DE CASTRO, M. S. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. Annablume, 2008.

_____ M. S. *Quilombos Urbanos*. Geledez. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quilombos-urbanos/> Acessado em: 25-11-2020.

CUÍCA, O. da; DOMINGUES, A. *Batuqueiros da paulicéia*. São Paulo: Editora Bracarolla, 2009.

DAMIANI, A. L.. *A produção do espaço urbano e a propriedade privada da terra*. Revista Continentes, n. 9, p. 12-24, 2016.

DE AZEVEDO, C. M. M. "Onda negra, medo branco." Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1987. 70 DOMINGUES, P. O "campeão do Centenário": raça e nação no futebol paulista. *História Unisinos*, v. 19, n. 3, p. 368-376, 2015.

_____ *O "tríduo da loucura": Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico*. *Tempo*, v. 19, n. 35, p. 117-142, 2013.

_____ *Os clubes e bailes blacks de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa*. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, v. 25, 2009.

DOS SANTOS, C. J. F. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915*. FAPESP, 2008.

DOZENA, A. *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fundação PoliSaber, 2011.

FAVERO, R. P. F. *'A várzea é imortal': abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

FERNANDES, F. *Integração Do Negro Na Sociedade de Classes*. V. 2. Vol. 2. Globo Livros, 2008.

FERNANDES, B. M.. *Movimentos Socioterritoriais e Movimentos Socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais*. *Revista Nera*, Presidente Prudente, ano 8, n.6, p. 24-34, 2005. Disponível em:

- < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1460/1436>> Acesso: 14/12/2020
- FERREIRA P. B. S. A Avenida de mil vias: conflito, contradição e ambivalência na modernização de São Paulo (1890-1920) / Pedro Beresin Schleder Ferreira ; orientadora Ana Lúcia Duarte Lanna. - São Paulo, 2016
- GALANTE, R. B. F. Da cupópia da cuíca: a diáspora dos tambores centro-africanos de fricção e a formação das musicalidades do Atlântico Negro (Sécs. XIX e XX). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- HAESBAERT, R.; BRUCE, G.. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.
- _____ Rogério. Dos múltiplos Territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> acessado em 12/12/2020
- _____ O mito da desterritorialização: do " fim dos territórios" à multiterritorialidade. Bertrand Brasil, 2004.
- _____ Território, poesia e identidade. Espaço e cultura, n. 3, p. 20-32, 1997. 71
- HARVEY, D. Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola, 2004, p. 135-166.
- HORI, I. M. Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): contribuição ao estudo da resistência e da repressão cultural. São Paulo, FFLCH-USP, 1981.
- LEFEBVRE, H. Da Cidade à Sociedade Urbana. IN: A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999 p. 15-32
- _____ La production de l'espace. 4°. Paris: Anthropos. 2000.
- _____ The Production of Space, translated by Donald Nicholson-Smith, 8th edition, Oxford/UK-Cambridge/USA, Blachwell Publishers, 1997.
- MATHEUS, T. A. Casa Verde: uma pequena África Paulistana. Éd. LiberArs. São Paulo, 2019.
- MORAES, A. L. "Memórias da população negra da cidade de São Paulo: Igreja Nossa Senhora do Rosário". Trabalho de Graduação Integrado, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2017. .
- MORAES, A. C. R.. Geografia: pequena história crítica. Annablume, 2003.
- MORAES, W. R. de. Escolas de samba de São Paulo. São Paulo: IMESP, 1978.
- MORSE, R. M.; KERBERG, M. A. M. Formação histórica de São Paulo: (de comunidade à metrópole). São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

- OLIVEIRA, R. J. Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Angela. 2008.
- PINTO, R. P. O movimento negro em São Paulo: luta e identidade. Fundação Carlos Chagas, 2013.
- RAMOS, A. W. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da Água Branca. Revista do Departamento de Geografia, v. 15, p. 65-75, 2002.
- _____. Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo: espacialidades diversas do bairro da Água Branca. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. doi:10.11606/D.8.2001.tde-06052003-160403. Acesso em: 2020-12-27.
- RATTS, A. Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto, 2006.
- ROLNIK, R. São Paulo, virada do século: espaço e política. Espaço & Debates, São Paulo, n. 17, 1986. 72
- _____. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. Studio Nobel, 1997.
- _____. Negros na cidade de São Paulo: presença invisível ou incômoda? Blog da Raquel Rolnik. 2017. Disponível em: Acesso em: 01-05-2019.
- SACK, R. D. Human territoriality: its theory and history. CUP Archive, 1986.
- SANTOS, B. G. dos. Memórias Afrodiaspóricas em Território Negro Paulista: Práticas ancestrais no Parque Peruche. 2018. 131 f. Projeto de Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.
- SEABRA, São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. in: CARLOS, F. OLIVEIRA, A. (org.). Geografias de São Paulo: representação e crise. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. Revista Cidades, v. 1, n. 2, 2004.
- _____. São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. in: CARLOS, F. OLIVEIRA, A. (org.). Geografias de São Paulo: representação e crise. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana. Urbanização e cidades: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, p. 75-96, 2001.

_____ Urbanização e fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir de estudo do bairro do Limão. 2003. 453 p. Tese de Doutorado. Tese (Livre-docência em Ciências Humanas: Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, R. E. dos. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. Questões urbanas e racismo– Petrópolis, RJ. Brasília, DF: ABPN, 2012. 400p. Org. por Renato Emerson dos Santos. Coleção Negras e negros: pesquisa e debates.

SCIFONI, S. LUGARES DE MEMÓRIA OPERÁRIA NA METRÓPOLE PAULISTA. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 17, n. 1, p. 98-110, 2013. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2013.74304. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74304>. Acesso em: 27 dez. 2020.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), n. 32, p. 89-109, 2012.

SEVCENKO, N. A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário. Incursões na entropia paulista. Revista USP- no. 63.

WISSENBACH, M. C. Práticas religiosas, errância e vida cotidiana no Brasil (finais do século XIX e inícios do XX). Editora Intermeios, 2018.